

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO AS DAMAS VIMARAENSES

ASSIGNATURAS	GUYMARRÃES	TODA A CORRESPONDENCIA
Anno 300	DOMINGO 15 DE MAIO DE 1887	Deve ser dirigida á
Com estampilla 360		REDACÇÃO

EXPEDIENTE

QUANTO dissemos no n.º antecedente, termina hoje o primeiro anno do BIJOU.

Nós, summamente penhorados com a protecção das nossas ex.^{mas} assignantas e assignantes, aqui lhes consignamos a nossa gratidão.

O primeiro numero do 2.º anno, sahirá, se continuarmos a merecer a sua indispensavel coadjuvação, no dia 5 de Junho; n'este n.º principiar-se-hão a publicar alguns artigos acerca da mulher, em continuação ao AMOR, devidos á apurada penna do nosso bom amigo o sr. Bráulio Caldas.

OS CONSELHOS DA MAMÃ

CONTOS SEM ARTE

(ÁS LEITORAS DO *Bijou*)

III

BERTHA

(CONCLUSÃO)

CAMINHOU até junto da mãe, sentou-se ao lado d'ella, e depois, como que tomando uma resolução custosa, disse-lhe meigamente:— Ainda não lhe contei que recebi

hoje carta da Carmo Pedroso, aquella rapariga com quem a mamã me permittio relacionar-me quando estiveimos ha 5 annos na Apulia. Como a mamã sabe, logo depois d'essa epoca foi a Carmo para o collegio, e de lá raras vezes me escrevia, umas cartas muito laconicas. Hoje escreve-me, participando-me a sua sahida do collegio; está douda de alegria! Falla-me tambem no seu ideal, que ella sonha de formosissimas cores. Diz-me que, uma vez realiado o tal ideal, terá um palacio esplendido, esquisitamente mobilado, toilettes brilhantes, dará grandes festas, e que enfim, viverá nos bailes, nos theatros, nas recepções.

Não imaginas, escreve-me ella a realidade do meu ideal, será um conto de fadas. E tu, minha provincianasiinha, termina a Carmo, qual é elle, o teu bello ideal?—Bertha callou-se; fitava a mãe, não ousando interrogal-a, mas esperando que ella respondesse áquella pergunta. A mãe escutara-a, muito attenta, muito séria; e, quando a filha se calou, contemplou-a uns breves instantes, e, com muita doçura, disse-lhe:—Tens razão, sou eu quem deve responder a essa pergunta da tua amiga. Tambem tu, Bertha, tens, deves ter o teu ideal; tenho preparado o teu espirito para desejal-o, e o teu coração para o saber gozar. Sómente quero que elle seja bastante diverso do da tua amiga. Escuta pois, minha filha: o teu ideal não é, não pode ser outro senão o dever. Para a Carmo

Pedroso, a cujos ouvidos soaram talvez já as falsas palavras—o dever é arido,—parecerá sem duvida o ideal que te escolho, bem despido d'encantos. Mas tu, Bertha, não seguirás essa falsa opinião. O dever só se affigura difficil e aspero para os que, affastando-se d'elle, não procuram conhecer-lhe, estudar-lhe as bellezas. Mas para ti, habituada desde o alvorecer da tua razão a segui-lo naturalmente e sem sacrificio, ser-te-ha larga fonte, aonde bebas as unicas verdadeiras alegrias, possiveis n'este mundo. Habitua-te cedo a considerar a vida, tal qual ella é, e não atravez do crystal seductoramente enganoso, da phantasia. A imaginação, minha filha, é sem duvida uma bella faculdade, mas da qual as mulheres fazem muitas vezes um uso perigoso. Põe-n'a ao seryiço do dever, e ella que doura tudo, caminhando ao lado d'aquelle, não se transviará em loucos devaneios; que, se nem sempre arrastam á perdição, pelo menos enervam e amollecem o espirito e fazem com que as tristes victimas dos exageros da phantasia, acabem por achar bem fastidioso o dever, e cumprindo-o de má vontade, busquem longe outro ideal. Não será assim a minha filha, em cujo coração Deus semeou tão bellas virtudes; amarás muito o dever, com todo o entusiasmo do seu juvenil coração; e caminhando sempre sob o olhar carinhoso da Providencia, gosará na terra os prazeres simples, unicos, que não fatigam o espirito, antes o alentam e fortalecem.

Diz isto á tua amiga, e talvez a louquinha, que ensaia os primeiros passos no caminho dos ruidosos prazeres, te escute ainda sem enfado. Será uma victoria para o seu anjo tutelar, e tambem para ti, minha filha.

A mãe cessou de fallar, e Bertha que a escutára com religiosa attenção, permanecendo silenciosa depois, não sei se então attendeu ao *teimoso* cantor das selvas, que continuava gor-

geando, sem se lembrar de ir repousar no seu placido ninho.

(Vieira)

VIRGINIA D'ABREU.



ECCOS D'AMOR

(OCCIDENTAL)

Porque vieste á janella
Escutar o trovador?
Que te importavam, donzella,
As notas do seu amor?

Ora as notas que ella ouvira
A's cordas do bandolim,
Eram as de quem suspira
N'estas palavras assim:

—Vem, meu anjo, vem depressa
A' tua porta da rua,
Que já me doe a cabeça
De estar a olhar p'rá lua;
Mas não acordes teu pai...

Ai!...

—Que não vás tu accordal-o
C'o as trovas do teu amôr...
Cala-te, pois! —Eu me calo.
—Bem hajas, meu trovador!
Que, se acordava meu pai...

Ai!...

E o trovador esperava,
E em fogo d'amor ardia;
Mas, vendo que ella tardava,
A sós consigo dizia:
Acordaria seu pai?...

Ai!...

E a donzella, commovida
Pelos ais do trovador,
Tinha sido accommettida
Pela mais pungente dôr:
Era uma dôr de cachaço!
Oh! mal haja o pé de boi,
Que, a dormir que nem um maço,
la ressonando—oi?!—
A quantos ais escutava
Do trovador que passava.

Quem fosse a formosa dama
Que levára murro assim,
Nem a historia o proclama,
Nem isso me importa a mim,
Nem mesmo como se chama
O dono do bandolim.

Aquillo de que dou fê

É:

Eu por mim é que não fui.

Ui !

1865.

F. C.



O ANCIÃO

(A NARCISO PEREIRA ALVES)

HAVERÁ quem não fique toma-
do de admiração ao contem-
plar a magestática phisiono-
mia de um velho ?

Não creio ! porque, ao fiatar aquella fronte limpada, serena, sulcada de profundas rugas buriladas pelo prepassar do tempo, admiravelmente emmoluradas com o nevado das compridas cãs; ao analysar aquelles labios já incolores a sumirem-se para além dos alveolos formados pela extincção dos dentes; ao divisar-lhe, finalmente, os globos occulares semi-ocultos pelo franzido das palpebras, o rugar da pelle sobre a testa, e o alvo craneo quasi de todo despovoado de cabello, havemos irresistivelmente contemplar esse bello ancião, uma das mais vetustas reliquias do genero humano ! . . .

Eu, ao deparar com esse sympathico vulto, sinto o espirito suavemente engastado aos seus modestos attractivos, e como que atrahindo-me o olhar, admiro no seu todo veneravel, o vivo symbolo do mais elevado respeito.

Albano Pires.

VINGANÇA !

A's vezes, contemplando o ceu do teu olhar,
Os lirios do teu collo, a flôr do teu sorriso,
Parece-me, mulher, que até no paraizo
Os loiros cherubins te devem adorar.

A um só gesto teu iria renegar
A creença, a patria, a gloria . . . e tudo que diviso.
E apóstata, infiel, blasphemo, circuncizo,
Ver-me-hias a teus pés, trememente ajoelhar !

Se, quando me allucina a febre da loucura,
Eu imagino vêr gosando essa ternura,
Em odioso amor, um perfido rival . . .

No desespero atroz da raiva que se espande
Sabes tu que castigo eu peço a Deus te mande ?
—Que a lepra te apodreça o rosto angelical ! . .

1883.

EDUARDO CARVALHO.



BOLETIM ELEGANTE

Desde hoje até ao dia 4 de junho
fazem annos as ex.^{mas} snr.^{as}:

Hoje—D. Virginia Ernestina Machado da Costa Santos.

Idem—D. Maria José Teixeira de Menezes.

Dia 16—D. Rita do Espirito Santo Ribeiro Martins.

Dia 19—D. Maria Rita de Castro Sampaio.

Dia 20—D. Emilia Edalina Alves Neves.

Dia 21—D. Rosa d'Assumpção Gonçalves d'Araujo (Vianna).

Dia 24—D. Maria Rosa do Amaral Ferreira.

Junho :

Dia 1—D. Maria Guilhermina Ribeiro de Faria.

Idem—D. Elisa Adelaide da Costa Peixoto.

Idem—D. Anna Rosa de Jesus Baptista.

Dia 4—D. Beatriz da Silva Ribeiro.

Idem—D. Anna Mendes Martins.

Idem—D. Emilia Augusta Barroso Pereira.

GOTAS D'ORVALHO

N'UM ALBUM

(A meu thio e padrinho, o
Br. Antonio José da Costa Santos)

Quando o sol se levanta estonteado
Ao depois d'uma noite mal dormida,
Vem com uma violencia desabrida
Queimar as gotasinhas, desalmado.

Aquellas que não querem morrer logo
Escondem-se nas folhas coitaditas,
Trementes como implumes avesitas,
Recessas d'aquelle olhar de fogo...

*

Esta gota d'orvalho—a nossa vida—,
Um atomo subtil na immensidade,
P'ra que a não queime o sol n'uma investida
Procura a grata sombra d'axisade.

Amarante—87.

Alberto Aureliano da Silveira Costa Santos

RETRAHIMENTO

Continuando assim n'esta incerteza
A vida é merencoria como a hera,
Embora a doire o sol da primavera,
E a inunde de luz a natureza.

Se pulsa o coração é uma fera
Que deve amordaçar-se e ter-se presa,
P'ra que não suba aos mundos da chimera
Onde iria perder-se com certeza.

Na vida da illusão e do ideal
Ha sonhos de pureza original
E perfumes suaves de violeta...

Mas nem chegar aos lábios a ambrosia,
Pois pode facilmente vir um dia
Em que a musa talvez me comprometta.
Vieira, Abril de 87.

Alfredo Ribeiro.

«REVISTA ILLUSTRADA»

Devido á generosidade do seu digno redactor ao qual nos confessamos summamente gratos, já recebemos o 1.º numero d'esta excellente publicação.



CINESIOLOGIA

OU

SCIENCIA DO MOVIMENTO

ATRAVÉS QUATRO SECULOS

E' esta a epigraphe de um livro que ultimamente publicou o eximo professor de gymnastica sr. Paulo Lauret.

Este livro, escripto n'uma linguagem elevada e correctea, demonstra as diversas phases da gymnastica, e os seus mais dedicados interpretes através quatro seculos. E' mais uma prova da já reconhecida competencia do talentoso professor, que, convertendo-se em assiduo bemfeitor da educação e da hygiene, vai juntamente enriquecendo as nossas livrarias com as suas primorosas produções: dupla gloria para o incansavel trabalhador.

A gymnastica, a preciosa sciencia do movimento, a protectora do que ha de mais sublime—a saude, considerada debaixo do ponto de vista hygienico, é uma sciencia digna, e que todos devem estudar com enthusiasmo, porque concorre poderosamente para a boa educação, e desenvolvendo todos os musculos, robustesse e aperfeioa o corpo humano.

A CINESIOLOGIA OU SCIENCIA DO MOVIMENTO consta de 95 paginas, sendo a tiragem de 2:000 exemplares distribuidos gratuitamente por todas as pessoas que mais ou menos comprehendem os altos beneficios que, para o desenvolvimento do corpo e do espirito, se alcançam com os exercicios da gymnastica e da esgrima.

Agradecemos ao sr. Paulo Lauret a amabilidade da offerta.